

**LIBERDADE, TRANSGRESSÃO E TRABALHO:
O cotidiano das mulheres na cidade do Recife
(1870-1914)¹**

Alcileide Cabral Nascimento*

Noêmia Maria Queiroz Pereira da Luz**

Resumo

Este artigo analisa o cotidiano das mulheres na cidade do Recife e a conquista do espaço público, entre os anos de 1870-1914. Sobre as novas práticas femininas pairavam temores antigos e modernos, ao pôr em questão a sociedade patriarcal, as relações entre os gêneros, o casamento e a pretensa superioridade masculina.

Palavras-chave: Mulher. Gênero. Trabalho.

Abstract

This article aims at investigating the daily life of women in Recife and their conquest of public space, from 1870 to 1914. There were ancient and modern fears concerning the new female practices when questioning the patriarchal society, gender relations, marriage and alleged male superiority.

Keywords: Women. Gender. Labor.

A Elevação da Mulher²

“A mulher era escrava antigamente,
Hoje as dores sem fim não a consomem,
Porque igualou-se logo de repente!
Christo pregando a crença verdadeira,
Disse ao eterno revoltado – ó homem,
Não dou-te serva, dou-te companheira!”

No final do século XIX e começo do XX, as cidades brasileiras prosperam. A expansão da economia agroexportadora e das manufaturas para atender à demanda do mercado interno, dos serviços e o aumento da população atestam os ares do progresso dos centros urbanos. A vida urbana ganha intensidade, luz, fluidez e velocidade. A eletricidade, o cinema, o automóvel, a locomotiva, o bonde, o avião, a publicidade, a moda, o relógio, o telefone, o rádio, os alimentos enlatados, os novos medicamentos e cosméticos, os cigarros e charutos industrializados, a prática de esportes, os banhos de

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq

* Profa. Dra. Em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: alcileidecabal@gmail.com.

** Profa. Dra. em História pela UFPE. Professora de História da Prefeitura Municipal do Recife. E-mail: noemialuz@terra.com.br. Texto recebido em 13/09/2011. Texto aprovado em 20/03/2012.

² OLIVEIRA. A Elevação da mulher. *O Altaneiro*. Recife, ago. 1912. p. 2.

mar, as confeitarias que se instalam em nobres endereços e as artes plásticas dão visibilidade a essas mudanças vertiginosas e de feições tão modernas.

A cidade era um espetáculo a céu aberto. Se de um lado, essas novidades geraram uma fé e um otimismo no progresso, por outro, desorientaram, intimidaram, perturbaram, confundiram, distorceram, alucinaram, como assinala Sevcenko³. Neste cenário, as mulheres pareciam gozar de maior liberdade ao usufruir dos cafés, cinemas, da moda e das novas formas de sociabilidade. Mas, sobre esse novo comportamento, pairavam temores antigos e modernos de que esse “excesso de liberdade” fosse corromper os cuidados com o lar, colocar em perigo a família e a honra feminina.

Em Recife, como uma das capitais mais importantes do norte do país, os tempos modernos chegam com força. Em 1900, a cidade conta com 113 mil habitantes. Vinte anos depois, sua população mais que dobrou, alcançando aproximadamente 239 mil habitantes⁴. Cidade comercial, com industrialização incipiente, nesse momento de sua história, moderniza-se, na medida em que recebe infraestrutura urbana com a instalação das companhias de abastecimento de água, iluminação, esgoto, telefone, telégrafo e transportes. Cidade festiva assiste à formação de uma cultura urbana, onde se multiplicam os clubes carnavalescos, os pastoris, as bandas de música, os mamulengos, os maxixes, a dividir espaços com as festas religiosas.

Era também uma cidade de contrastes: o aumento da população era acompanhado *pari passu* pelo crescimento dos mocambos, pelo abandono de crianças nas ruas e pelos altos índices de mortalidade⁵. Cidade rebelde com seus operários e operárias a fazer greves e a protestar contra a carestia de vida⁶. Cidade que punha em xeque o pacto oligárquico vigente na primavera da República no país⁷, na medida em que essa massa urbana não se domava com facilidade e nem se constituía em curral eleitoral. Uma urbe imoral a estandardizar os crimes de defloramento nas páginas comuns dos periódicos. Os crimes contra a honra ganhavam destaque na imprensa local, como o da

³ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante. NOVAIS, Fernando (Coord. Geral), SEVCENKO, Nicolau (Coord. do volume). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3, p. 515, 516.

⁴ REZENDE, Antônio Paulo. *Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002. p. 94.

⁵ ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Op. cit. p. 43.

⁶ REZENDE, Antônio Paulo. *Recife: histórias de uma cidade*. Op. cit., p. 102.

⁷ Cf. LOVE, Joseph L. A República brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Edit. SENAC São Paulo, 2000. p.121- 160 e LEVINE, Robert. Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1982. v. 1, T. III. p. 123- 151.

“mocinha de 15 anos” deflorada no bairro de São José⁸. Cidade perigosa na calada da noite e nos escuros dos becos, nos quais as práticas de espancamento e assassinato a peixeiradas ou a pauladas eram frequentes⁹. Cidade moderna a derrubar casarios, ruas antigas e a construir largas avenidas e, nesse compasso, travar intensas batalhas com a tradição¹⁰. Uma cidade onde circulam novas ideias e hábitos, que aos poucos transformam o cotidiano das pessoas e ampliam as expectativas, as ações e os sonhos das mulheres.

Do lar para a Imprensa: as mulheres na campanha abolicionista

A participação das mulheres no debate político no Brasil ganha visibilidade nos anos efervescentes da campanha abolicionista. O fim da escravidão, que se concretiza em 1888, e a presença feminina ativa na imprensa foram canais importantes de sua expressão e da conscientização de parte dessas mulheres, em geral cultas e de famílias abastadas.

Nessa época, os jornais, os pasquins e os panfletos exercem uma importância muito grande, apesar do alarmante índice de analfabetismo no país, sobretudo entre as mulheres. Uma imprensa feminina e feminista constitui-se já no século XIX e ganha visibilidade nas primeiras décadas do século XX, quando se observa uma expressiva participação das mulheres, não apenas publicando artigos, poesias, mas criando jornais e revistas femininas e feministas, ocupando e conquistando espaços públicos e formando opinião. Celi Pinto tem razão quando afirma que a “mensagem escrita era a única forma de comunicação de massas nesses anos de luta”¹¹. E é nessa seara que entram as mulheres, já que a imprensa se constituía como “o principal meio de troca de ideias e informações entre os brasileiros alfabetizados”¹².

Em Pernambuco, o espaço da ação das mulheres na vida pública e nas lutas políticas e sociais, assim como a abertura para mudanças no pensar e no comportamento contam, no final do século XIX e no início do século XX, com as brechas abertas pelo movimento abolicionista e pelo anticlericalismo dos maçons e dos grupos ditos

⁸ Um caso de defloração. Tio e sobrinha em São José. *O Periquito*, 19.10.1908. p. 4

⁹ ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Op. cit., p.70.

¹⁰ REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹¹ PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. p. 31.

¹² HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino*. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2003. p. 84.

socialistas¹³, em sincronia com o que acontece nas principais cidades brasileiras. O movimento abolicionista quebra as fronteiras de sexo no debate político, nas ações sociais e na escrita dos jornais¹⁴. Os socialistas questionam o sacramento do matrimônio¹⁵, propondo o casamento civil. Os maçons, em luta aberta com a Igreja Católica, procuram afastar os padres do convívio diário com as mulheres, colocando em questão as conversas nos confessionários e a influência que estes exercem no pensamento e nas atitudes das fiéis. Essa confluência crítica de contestação ao Império e à Igreja Católica oportuniza a entrada das mulheres na vida política do país.

Em 1883, pernambucanos propagandistas da abolição procuram disciplinar as forças afetivas para atingir seus objetivos, de preferência sem luta violenta com os proprietários de escravos. Avaliam que há um meio: recorrer ao elemento feminino. Redatores de jornais conclamam as senhoras pernambucanas que têm "os corações abertos para nobres sentimentos" a fazerem campanha abolicionista na luta pela liberdade; sugerem que deixem um pouco de lado os cuidados domésticos "que se elevam, contudo não podem ser o páramo exclusivo para o qual alceis voos" e que aquelas que aplaudem os comícios públicos dos "cruzados da abolição" formem sociedades e um centro abolicionista¹⁶.

Segundo Ângela Grillo, dentre as sociedades que se formam na década de 1880, as duas de maior destaque são o Club do Cupim¹⁷ e a Sociedade Ave Libertas, ambas fundadas em 1887. Através de suas ações, "além do auxílio que prestavam às fugas dos

¹³ Ver a propósito SIQUEIRA, Elizabeth et al. *Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)*. Recife: Ed. UFPE, 1995.

¹⁴ É importante lembrar que a participação das mulheres no processo abolicionista não foi exclusividade do Brasil. Nos Estados Unidos, a luta pela abolição da escravatura mobilizou parcelas significativas de mulheres, que, até então, não haviam, de forma tão massiva e organizada, participado da esfera política, como assinalam as autoras Branca Alves e Jaqueline Pitanguy. Ademais, "a conscientização da submissão do negro trouxe-lhes, ao mesmo tempo, uma medida de sua própria sujeição", como ressaltam as autoras. ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p. 44.

¹⁵ O Código do Direito Canônico, em seu art. 1055, sobre o sacramento do matrimônio, afirma que "o pacto matrimonial entre batizados, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda vida (...) foi elevada por Cristo, como Senhor, à dignidade de sacramento". Assim, pelo Sacramento do Matrimônio, Jesus Cristo une os esposos num vínculo santo e indissolúvel.

¹⁶ R de M (pseudônimo de Rodolfo Gonzaga). *As Senhoras pernambucanas. O Propulsor*. Órgão de interesses abolicionista, Industrial, Agrícola, Literário. Recife, 30 de abr. 1883. p. 1.

¹⁷ Sobre o Club do Cupim, fundado em 8 de outubro de 1884, Leonardo Dantas explica que o nome deriva do caráter abolicionista que tinha o Clube que "ia trabalhar na sombra a coberto das vistas alheias, e minar carcomendo roaz e minaz, o próprio cerne da nefanda árvore da escravidão". SILVA, Leonardo Dantas. *A abolição em Pernambuco*. Recife: Ed. Massangana, 1988. p. 28.

cativos, mantiveram, durante toda sua existência, profundas relações com Joaquim Nabuco, sempre visando à abolição plena dos escravos”¹⁸.

Convocadas para a luta, as mulheres participaram das mais variadas formas, dentre as quais se destacaram no Recife os encontros abolicionistas do Club do Cupim¹⁹ e a ação da Sociedade *Ave Libertas*. A ação do Aves Libertas foi elogiada por redatores de jornais, como Salles Barbosa, que escrevia para o jornal América do Sul. Barbosa considerava as participantes dessa Sociedade como "um grupo de senhoras que se distinguem como obreiras de uma civilização" e destaca entre elas; as "atléticas figuras das inteligentes e incansáveis Sras. D. Leonor Porto, Odilia Pompílio e Carlotta Villela"²⁰. Essa sociedade tinha “como principal figura D. Leonor Porto, mulher simples, costureira e modista (nome que se dava às costureiras que copiavam fielmente os figurinos parisienses), que cedeu sua casa, situada a Rua Larga do Rosário, nº 22, como sede da Associação”²¹.

O reconhecimento de parte da imprensa e de alguns articulistas no que se refere às ações das mulheres abolicionistas na vida social do Recife pode ser avaliado pela publicação, em 1885, no jornal Vinte e Cinco de Março, de versos do poeta Claudino dos Santos, dedicado às senhoras da Sociedade Abolicionista Ave Libertas²².

“quando for se apurar a votação da história
Intrucada e severa em bem da humanidade,
haveis de ter também vosso quinhão de gloria
N'essa estrofe soltada em honra a liberdade”.

Com a campanha abolicionista, as mulheres ganham espaço em vários jornais da cidade para publicarem artigos e poemas. Dentre elas destaca-se Maria Amélia de Queiroz, que também faz discursos para o grande público no Teatro Santa Isabel. A campanha abolicionista proporciona visibilidade às ideias das mulheres e as apresenta como capazes de atuar politicamente diante de questões que, até então, está na alçada masculina.

¹⁸ GRILLO, M. Ângela de F. *Ave Libertas: o movimento abolicionista feminino de Pernambuco*. In: *Anais do I Seminário Internacional Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina*. Salvador, 2005.

¹⁹ Em *As Jóias*, Mario Sette descreve os encontros abolicionistas do Club do Cupim, no qual se destaca a presença de D. Leonor Porto. SETTE, Mario. *Terra Pernambucana*. 10. Ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. p. 139, 140.

²⁰ SALLES BARBOSA. *América do Sul*. Recife, 15 de agosto de 1884. p. 1.

²¹ GRILLO, M. Ângela de F. *Ave Libertas*. art. cit.

²² SANTOS, Claudino dos. *Vinte e Cinco de Março*. Recife, 25 de março de 1885. p. 4.

Em Recife surgem vários jornais e revistas dirigidos e escritos apenas por mulheres²³. Alguns jornais têm um engajamento político e social mais explícito, como os que defendem os direitos políticos para as mulheres. Um deles é o periódico *A Mulher*, criado em 7 de maio de 1875, o primeiro jornal redigido e dedicado ao sexo feminino, que traz reflexões sobre o papel da mulher na sociedade, protestos contra as injustiças e incitações à ação das leitoras.

O jornal *Helios* surge no Recife em 1911, tendo como redatoras Almerinda Ribeiro, Carmelita de B.Silva e Josefa P. de Melo. Afirma, em seu primeiro editorial, que o seu principal dever é "batalhar com intransigência pelos direitos da mulher, mantendo contínua propaganda em prol do seu desenvolvimento e do ingresso das mesmas nas múltiplas atividades políticas e sociais". Esse jornal, em diversas seções, propõe-se apenas a divulgar notícias de interesse do sexo feminino²⁴.

Há também uma "imprensa perfumada", como nomeia Elizabeth Siqueira os periódicos com nomes de flores como *A Rosa*, *O Lyrio*, *A Grinalda* e *O Myosote*²⁵. Nesses periódicos as mulheres escrevem sobre assuntos referentes à família, à moda e aos sentimentos em relação ao mundo em que vivem. O *Myosote* tem essa feição. Escrito pelas moças do Arraial, sua redatora-chefe é Guiomar de Carvalho, e nele trabalham Amanda Campello, Davina Lima, Julieta de Carvalho, Julia Dias Martins, Julieta Santos e Marieta Brandão. As redatoras do *Myosoti* têm por objetivo "ocupar um lugar no mundo da intelectualidade"²⁶. Nesse romântico jornal, são publicados artigos literários, poesias e pensamentos.

O Lyrio, Revista mensal, surge em 5 de novembro de 1902. Esse periódico tem por redatora-chefe Amélia de Freitas Bevilaqua, secretária Cândida de Barros, tesoureira Luisa Ramalho e um corpo de dezoito redatoras. No artigo *Laboremus Maria Augusta Meire de V. Freire* afirma ser "a mulher o elemento mais estável da sociedade" e, de modo indignado, apresenta sua repulsa ao fato de que "há ainda quem pense na alvorada do século XX que a mulher deve ser a eterna escrava do homem". Assinala,

²³ Sobre a imprensa feminina e feminista no Brasil ver HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino*. A luta dos direitos da mulher no Brasil. 1850- 1940. Petropólis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2003.

²⁴ O Nosso Caminho Editorial. *Helios*. Recife, 30 de abril 1911. p. 1.

²⁵ SIQUEIRA, Elizabeth A. S. Dos Alfinetes aos ideais. In: SIQUEIRA, Elizabeth A. S. et al. *Um discurso feminino possível*. Pioneiras da Imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed. Da UFPE, 1995. p. 35. O jornal *O Myosoti* foi publicado com essa grafia no ano 1 nº. 1, do Arraial, tendo por editora chefe Guiomar de Carvalho, do nº. 2 em diante passou a ser chamado de *Myosote*, continuando a ser publicado do Arraial, tendo por editora chefe Guiomar de Carvalho.

²⁶ Gentis Leitores. *O Myosoti*. Arraial, nov. 1910. p. 1.

porém, que para deixar de ser “a escrava” é necessário outro tipo de educação menos religiosa e mais humanista.

Entre a crítica e o chiste: a educação religiosa feminina no debate político

No Brasil do Dezenove, apenas uma pequena parte da população tinha acesso à instrução, principalmente os que eram bem nascidos ou de boa posição social e econômica. Em 1890, esse percentual girava em torno de 19,1% para os homens e 10,4% para as mulheres²⁷. Além da desigualdade de acesso, as diferenças de gênero eram bem marcadas, reforçando papéis do mundo masculino e do mundo feminino. A educação destinada às mulheres procurava enfatizar o papel de esposa e de mãe. Nada mais era necessário para o sexo feminino! Essa situação tende a mudar no final do século XIX, com a expansão das escolas normais em todo o país, sobretudo nos principais centros urbanos²⁸. Havia uma esperança enorme no potencial transformador da educação. Essa era uma das heranças do Iluminismo, que se difundiu entre conservadores, católicos, positivistas, liberais e anarquistas, como assinala Miriam Moreira Leite. Acrescenta ainda esta autora que no caso da educação da mulher,

A reativação dessa crença na educação foi da maior importância, pois acabou por legitimar um campo profissional e um papel de alcance social para a mulher, fora da família, antes desempenhado unicamente no âmbito familiar – o magistério²⁹.

Havia, em Recife, um movimento difuso de crítica à educação de forte cunho religioso que as mulheres recebiam. No periódico maçônico *A Verdade*, em artigo de Severino Cardoso, intitulado *Instrução e Educação*³⁰, o articulista defendia uma educação de qualidade para as mulheres e sua emancipação política por meio do direito eleitoral. Em outro artigo, denominado *Controvérsia Evangélica*³¹, questionava a virgindade perpétua de Maria e assinala que a única passagem na Bíblia em que Maria é chamada de virgem é em São Lucas 1: 27, além de afirmar que “a virgem de que fala São Lucas é uma virgem no sentido ordinário da palavra, nome esse que lhe é dado como o seria a qualquer outra rapariga ainda não casada”. A querela com a Igreja no

²⁷ Ver HAHNER. Op. Cit., p. 75.

²⁸ Idem, p. 78.

²⁹ LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda Moura*. São Paulo: Ed. Ática, 1984. p. 15.

³⁰ CARDOSO, Severino. *Instrução e Educação. A Co-Educação dos sexos. A Verdade*. Semanário Consagrado à causa da humanidade. Recife, 23 de novembro de 1872. p. 2, 3.

³¹ BUNGUENER, Félix. *Controvérsia Religiosa. A Verdade*. Semanário Consagrado à causa da humanidade. Recife, 23 de novembro de 1872. p. 4.

que diz respeito à virgindade de Maria colocava em debate a importância de a mulher se manter casta.

Havia campanhas cotidianas contra a confissão, que era vista como um ato de fé realizado num espaço de expiação do pecado e de aconselhamento, o confessionário. Esse lugar passava a ser apresentado na imprensa como área de poder dos padres, que ali exercitavam diariamente, em instante de intimidade, sua influência sobre o pensamento e o comportamento feminino, contribuindo para o distanciamento, aos poucos, do sentimento de culpa das mulheres e estabelecendo as normas de viver socialmente³².

A prática da confissão, exercida com frequência, atiçava a mente dos humoristas que, por meio de imagens e versos, não cansavam de expor para os/as leitores/as as possibilidades eróticas desses encontros:

Penitência³³

Cena Verídica

Ass: A.A.

Aurorita ao confessar-se
Cheia de unção a mais pia,
E, sem prudência, gabar-se
Do que com o primo fazia.
O confessor a bufar
E de um modo um tanto arrisco
Depois de a catequizar
Quis obrigá-la a rezar
No cordão de São Francisco.
Diz-lhe a bela. Hom essa agora
Não sei se deva, não sei...
Fala a mamãe cá de fora
- Reza, filha! Reza Aurora!
- Reza que eu também rezei!

Os fundamentos da educação religiosa, que reforçam a revisão da consciência pela confissão e penitência, assim como o sacramento do casamento, são constantemente questionados, criticados, e, vez por outra, ridicularizados por meio da imprensa local, especialmente nos jornais humorísticos, minando, com isso, as certezas que as mulheres têm do pecado e do seu lugar no interior da casa, nos cuidados com a

³² Freyre comenta que o Padre Lopes Gama, nos princípios do século XIX, não se conformava com o fato de haver “Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessionário. (...) e mais romance”. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 6ª. Ed. Recife: Câmara dos Deputados; Governo do Estado de Pernambuco: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1981. Tomo I. p. 109, 110.

³³ AA. Penitência. Cena Verídica. *O Papagaio*. Recife, 11 de nov. 1902. p. 3.

família e na sociedade de um modo geral. Exemplo disso é o poema *Idyllio*, publicado, sem assinatura, no jornal recifense *O Club 33*³⁴.

Idyllio

Tu queres
Se quero...
Não amo a ninguém!
então dá-me um beijo...
Casemos meu bem!
Sem padre e sem nada?
Que coisa sem graça!
pois olha -
Ó anjinho
É gosto da praça!
sem ir a Igreja?
Vóvó é de braza
Depois era logo dizer a comadre:
Então com quem casa?
Com a Igreja ou com o padre!
Contigo
meu anjo-
Que és toda uma flor!...
Então não há dúvida
- Casemos já - hoje
Vamos amor.

A imprensa, além de desqualificar a Igreja com publicações de abusos sexuais de padres franceses, utiliza-se de jornais do porte de *A Província* para também procurar questionar a devoção feminina a Deus, ridicularizando a devota, com versos como estes, assinados por Ângelo de Berenice³⁵.

A Devotinha

Engano! A devotinha também tem seu amante,
Com quem reparte o amor que à Deus parece dado!
Se um dia ele quiser acender-lhe aos votos.
Oh! Deus serás (afirmo) por certo abandonado.

A laicização ganha as práticas cotidianas. As mulheres aos poucos rompem o cerco da Igreja e fazem suas escolhas, sobretudo as que precisam labutar nas fábricas, nas lojas, nos cafés, nas ruas, nos bordéis. Essas críticas de diferentes setores da sociedade à Igreja Católica desatam as normas de controle da conduta feminina que parecem nestes anos frívolos, gozar de certa liberdade.

³⁴ *Idyllio*. *O Club 33*. Edição Especial. p. 4.

³⁵ Ângelo de Berenice *A Devotinha*. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 27 de abril de 1877. p. 3.

Cotidiano, trabalho e transgressão: as mulheres na cidade do Recife

Vários são os trabalhos e as profissões que as mulheres assumem na cidade: empresárias, advogadas, médicas, diretoras, redatoras de jornais, diretoras de colégios, professoras, parteiras, cigareiras, modistas, costureiras, cafetinas, prostitutas, cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, quitandeiras, vendedoras de rua, amas de leite. As mulheres ocupam a cidade. Transitam. Trabalham. Divertem-se. Transgridem. Ganham as ruas, a vida e o pão de cada dia.

Há um misto de lamento e exaltação no que se refere ao olhar dos redatores do jornal socialista *Aurora Social*, Órgão do Operariado mantido pelo Centro Protetor dos Operários³⁶, sobre as operárias e seus cotidianos. Em artigo assinado por José Dativo, ao mesmo tempo em que chama a mulher que trabalha de “operária infeliz”, ele ressalta suas virtudes e diz ser a mesma a heroína dos nossos tempos. Dativo assinala os caminhos da cidade por onde as trabalhadoras transitam na direção das fábricas e oficinas como vias por onde uma mulher só, ou na companhia de outra mulher, submete-se, com frequência, aos mais variados vexames e conclama a sociedade para respeitar os pobres³⁷. Caminhos perigosos porque podem fazer sucumbir as mais honestas pelos olhares e galanteios de algum sedutor ousado. Ao mesmo tempo, essas mulheres pobres precisam trabalhar ainda que o espaço público seja visto como ameaçador. É necessário assegurar, vigiar, coibir, assinalando os lugares consentidos e interditados para a circulação das mulheres. Como ressalta Margareth Rago, quanto mais as mulheres escapam “da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento da culpa”³⁸.

Nesse período, ao cotidiano das mulheres que trabalham, com raríssimas exceções, somam-se os baixos salários que recebem, uma longa jornada de trabalho, as tentativas de controle de sua privacidade, um tratamento social desigual, além da interpretação dos homens de que essa participação ativa na vida econômica da cidade é um motivo para tratá-las como mulheres vulgares, disponíveis facilmente para as aventuras sexuais.

³⁶ O *Aurora Social* sai às ruas no dia 1º de Maio de 1901. Traz sob o título o slogan “Proletários de todos os países, uni-vos! O jornal se apresenta como fiel representante da classe operária em Pernambuco. NASCIMENTO, Luís do. *História da Imprensa em Pernambuco*. Periódicos do Recife de 1901-1915 v. VII. Recife UFPE. Ed. Universitária, 1975. p. 36- 39.

³⁷ DATIVO, José, Pelo Socialismo, A mulher operária. *Aurora Social*. Recife, 1 de maio 1906. p. 2.

³⁸ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. A utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890- 1930). 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 63.

As profissionais do comércio

No século XIX, o Recife revela-se uma cidade onde as mulheres começam a ser admitidas com mais frequência para trabalhar nos cafés. Essas moças trabalham da hora que o estabelecimento abre até aquela em que cerra as portas. Por terem contato direto com os homens, são muito observadas e requisitadas para aventuras amorosas, e algumas se permitem ampliar o tempo de trabalho e o minguado salário no exercício do amor.

Redatores da imprensa local, frequentadores dos cafés, um dos locais prediletos para se informar da vida urbana, mostram-se dispostos a transformar a vida privada das “caixeiras” em notícias de jornal, mesmo que isso signifique acrescentar ao seu trabalho o papel de investigador da vida alheia. Um deles relata, em matéria que intitula *Caixeira Vagabunda*, episódio do qual participa a caixeira Elisa do Café Esperança. Ela foi seguida, após o fim do seu turno, numa segunda-feira às duas horas da manhã, quando sai do Café na companhia do português Joaquim Rodrigues, com destino à Pensão Santo Antônio, com o fim de pernoitar nesse estabelecimento. O proprietário, suspeitando ser um caso, chama a polícia e, diante da mesma, Elisa declara que há muito é prostituta. Elisa não se intimida nem com a vigilância da imprensa nem com a polícia, dorme com o Joaquim na pensão e, na quarta-feira, acompanhada de Luis Moreira, pernoita no Café Popular³⁹.

Algumas profissões inspiram versos, nos quais os poetas, quase sempre redatores de jornais humorísticos, apontam as vantagens de compartilhar o amor de uma mulher que trabalha. João Bogoloff, como se intitula o redator de O Pimentão, assim anota seus sentimentos no poema abaixo⁴⁰.

Amor de Quitandeira
João Bogoloff

A minha namorada é quitandeira
Reside à mesma rua onde resido...
Hei de casar com ela, isso é sabido
Quer a mãe dela queira, quer não queira.
Fala comigo então de tal maneira
Que pela quitanda ando perdido...
E sinto-me feliz, correspondido
Por Zefa essa simpática trigueira.
Ser-lhe ingrato eu não devo todo dia
Manda presentes raros, de valia,
Bananas, sapatís, pinhas, mangabas.

³⁹ Os homens citados pela imprensa não reclamam, pois a divulgação do fato valoriza a sua virilidade.

⁴⁰ BOGOLOFF, João. Amor de Quitandeira. *O Pimentão*. Recife, 16 de set. 1914. p. 8.

Que doce amá-la ... Que ditos vê-la
Terna, sutil, encantadora e bela...
Zefa dos olhos de jaboticaba.
Minha namorada.

As profissionais das fábricas

As mulheres trabalham em diversas fábricas da cidade, especialmente nos ramos têxtil e de cigarro. Há preferência pelas mulheres, na hora da seleção para o emprego, por conta da maior atenção que dão ao trabalho e por constituir uma mão-de-obra mais barata para o patrão.

As fábricas de cigarros empregam mocinhas para embalar cigarros e mulheres, como gerentes, para fiscalizar o serviço. A vida das cigareiras passa a ser matéria dos jornais, que registram suas lutas por melhores salários e mais respeito dentro das fábricas. Há relatos de brigas no interior das fábricas e greves de cigareiras na cidade do Recife. Os conflitos devem-se, em maior número, à ação das gerentes, que fiscalizam e multam as cigareiras, interferem na vida privada e as acusam de furtos ou de qualquer problema no interior da fábrica, mantendo as trabalhadoras em constante sobressalto⁴¹. O jornal O Papagaio publica o Padre Nosso das cigareiras⁴², que revela suas aflições e receios:

“ O pão nosso de cada dia daí hoje, e perdoa-nos as nossas dívidas assim como perdoamos as multas infligidas a nós e não nos deixeis cair nas mãos dos nossos patões. Livrai-nos do mal, amém.”

Há registros de opressão feminina no trabalho, ocorridos nas fábricas de cigarros. Na fábrica Lafayette, a Sr^a. Veronica Mattos inova a fiscalização e o controle dos serviços, ao estabelecer peso para os maços de cigarros e um serviço de campá para chamar as operárias; quando não correspondem prontamente, são suspensas e demitidas⁴³. Na fábrica Moreninha, avaliada pelos jornalistas do Aurora Social como um sorvedouro da vida alheia, devido à anti-higiene que ali impera, há registro de correspondência encaminhada ao jornal Aurora Social de que a gerente, Sr^a. Maria de Moraes faz o pagamento de forma incorreta, pois desconta 1\$600,- da quantia de 3\$780

⁴¹ Nos dois artigos, com o título Roubo na Lafayette, de *O Fallador*. Periódico Literário, Humorístico e Noticioso. Recife, 27 de jan. 1914. p. 5 e *O Fallador*. Periódico Literário, Humorístico e Noticioso. Recife, 7 de fev. 1914. p. 6, descreve-se a denúncia de roubo por parte de uma gerente, que alegou o furto de sua bolsa e o encontro da mesma no interior da fábrica.

⁴² Padre Nossa das Cigareiras. *O Papagaio*. Recife, 7 de jul. 1914. p. 4.

⁴³ Triste Sina. *Aurora Social*. Recife, 7 de out. 1902. p. 1.

que a cigareira deve receber. Nessa fábrica cada operária paga à gerente 600 réis, por semana, para a limpeza, que é feita de oito em oito dias, e para a água que consomem⁴⁴.

Da vida privada das cigareiras os repórteres se interessam pelos namoros escandalosos em plena rua e pelas transgressões com maiores consequências. Um dos episódios noticiados é o de uma cigareira da Fábrica Caxias⁴⁵, que, tendo se apaixonado por um forneiro da Fábrica Pilar, foge da casa de sua família e retorna após quinze dias, grávida e abandonada pelo amante.

As profissionais liberais

As mudanças trazem novos horizontes para as mulheres das camadas urbanas médias e alta que sabem aproveitar as oportunidades e ampliar a sua participação social, por meio do ingresso em cursos superiores e pela escolha de profissões até então interditas ao sexo feminino. No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, o Brasil passa a contar com uma minoria notável de médicas, advogadas, escritoras e artistas mulheres⁴⁶.

Em 1881, há o registro, em Recife, das primeiras mulheres formadas no ensino superior. Maria Augusta Generosa Estrella e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira tornam-se doutoras em medicina, profissão até então ocupada apenas pelos homens. Elas são homenageadas com um *crayon* em página inteira pelo jornal O Etna⁴⁷. Em 1889, entre as indicações úteis do Pequeno Jornal, consta morando e atuando no Recife a Dr.^a Amélia Cavalcante, que reside e tem consultório na Rua Conde da Boa Vista n^o. 24 A⁴⁸.

Em 1888, recebem o grau em ciências jurídicas e sociais, as primeiras bacharelas em Direito do Brasil, D. Maria Coelho da Silva e a pernambucana D. Maria Frago, como anuncia e homenageia O Binóculo, em primeira página⁴⁹. A poetisa Edwiges de

⁴⁴ Villania. *Aurora Social*. Recife, 30 de nov. 1902. p. 2.

⁴⁵ Victimas de um forneiro. *O Bem-te-vi*. Recife, 11 de julho de 1913, p. 6. Fábrica Caxias, pertencente aos Srs. Azevedo & C^a., ficava na Rua Dem uque de Caxias. *A Influenza*. Revista Carnavalesca. Recife, Carnaval 16 de fevereiro de 1890. p. 4.

⁴⁶ Ver, a propósito, BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914- 1940)*. São Paulo: EDUSP, 1999 e HANHER, June. Op. Cit.

⁴⁷ O desenho a lápis, na época foi nomeado *Crayon* como referência ao tipo de lápis utilizado. *O Etna*. Recife, 12 de novembro 1881. p. 8.

⁴⁸ Indicações Úteis. Médicos. *Pequeno Jornal*. Recife, 23 de mar. 1899. p. 2.

⁴⁹ *O Binóculo*. Revista Semanal, Noticiosa, Crítica, Literária e Commercial. Recife, 10 de nov. 1888. p. 1.

Sá Pereira publica seu livro de poesias e é homenageada com seu retrato na galeria da primeira página do jornal *Gazeta Literária*⁵⁰. Ela é a primeira mulher a entrar na Academia Pernambucana de Letras e presidiu, em 1932, a Federação Pernambucana para o Progresso Feminino⁵¹.

Como assinala Susan Besse, aos poucos

As famílias urbanas de classe média, diante do declínio do valor do trabalho doméstico da mulher, das altas taxas de inflação e da crescente necessidade de dinheiro, começaram a encarar de maneiras mais favoráveis o trabalho assalariado feminino – desde que não maculasse a reputação das mulheres (pela associação com as trabalhadoras de status social inferior), não comprometessem sua feminilidade (colocando-se em competição direta com os homens) nem ameaçassem a estabilidade do lar chefiada pelo homem (fomentando ambições individuais das mulheres ou oferecendo oportunidades reais de independência econômica).⁵²

A imersão no trabalho parece não ameaçar mesmo, como se pode notar no crescente número de colégios dirigidos por mulheres. Em Recife, Anna do Rego Barros de Almeida dirige o Collegio de Saint Luci, para o sexo feminino, situado na Rua do Visconde de Inhauma nº. 25, 2º andar, onde se ensina as primeiras letras, português, francês, geografia, história, aritmética, desenho, música, trabalho de agulha, bordados à matriz e flores de pano⁵³. D. Augusta Uchôa Cavalcante dirige o Externato Misto 2 de Fevereiro, estabelecimento que ensina, além das disciplinas, trabalhos de agulha e piano⁵⁴. Em matéria assinada por Carmem de Carvalho, há o registro de D. Clotilde de Oliveira, como diretora do Colégio Pritaneu, que se destina à instrução das mulheres, utilizando um método de ensino despido de fanatismo, superstições e credulidades⁵⁵, equiparado à Escola Normal mantida pelo Estado.

A Escola Normal é criada em Pernambuco em 1864. Seu público alvo é masculino, mas sofreu com a falta de recursos, de professores preparados e de um currículo rudimentar. Ademais, com os poucos salários pagos aos docentes, não conseguiu atrair o público masculino. Apenas nos anos finais do Império, as escolas

⁵⁰ Edwiges de Sá Pereira. *Gazeta Litteraria*. Recife, 15 de set. 1904. p. 1.

⁵¹ NOTAS Bio Bibliográficas de Edwiges de Sá Pereira, Acervo Pessoal “Edwiges de Sá Pereira”. Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

⁵² BESSE, Susan K. Op. cit. p. 8.

⁵³ Anuncios. Collegio de Saint Luci. Para o sexo feminino. *Gazeta da Tarde*. Recife, 1 de maio 1889. p. 3.

⁵⁴ Externato Misto 2 de fevereiro. *A Verdade*. Recife, 19 de set. 1904. p. 3.

⁵⁵ CARVALHO, Carmem. Colégio Pritaneu. *Jornal da Semana*. Espinheiro, 22 de abril 1911. p. 1. Sobre escolas públicas no Recife ver REZENDE, Antônio Paulo. (Coord.). *Recife, 100 anos de escola pública municipal*; 1. Parte, 1894-1929. Recife, 2000. BPE/ PE, UFPE/ BC, UFPE/CE.

normais vão sendo abertas às mulheres, nelas predominando progressivamente a frequência feminina e introduzindo-se em algumas a co-educação⁵⁶. Em todo o Brasil a profissão de professora firma-se no final do século XIX e início do século XX. As mestras passam a ocupar as salas de aula das escolas públicas e privadas no ensino primário. Em Recife, segundo a Revista da Instrução Pública de Pernambuco, o número de homens matriculados e que chegam a concluir o curso na Escola Normal decai, enquanto as moças cada dia mais passam a ocupar as cadeiras daquele estabelecimento de ensino. Isso atesta a "sede de saber" feminina⁵⁷. A profissão de professora é valorizada de tal forma que a entrega dos diplomas e a distribuição dos prêmios conferidos às/os alunas/os da Escola Normal são feitas por ato solene, ao qual compareciam o Presidente da Província, o Chefe da Polícia, o Inspetor Geral de instrução Pública, em 1877⁵⁸.

Algumas professoras, como Julia C. do Rego Barros, titulada pela escola Normal da Sociedade Propagadora da Instrução Pública da Província, abrem aula mista, no Largo de Casa Forte, na qual ensinam matérias adotadas pela Escola Normal, a preços módicos, inclusive oferecendo "cinco vagas para pessoas pobres"⁵⁹. O trabalho de professora, além de ser um ofício respeitado socialmente, garante renda às mulheres nas setenta escolas primárias municipais do Recife e nas cento e noventa escolas estaduais, no ano de 1900⁶⁰. Várias professoras dão suas aulas de modo particular, como Maria dos Santos Pereira, que, por meio de anúncio, oferece-se para ensinar primeiras letras, costuras e bordados em sua residência ou em qualquer fazenda⁶¹. D. Carolina Leopoldina Coelho ministra aulas de instrução primária, piano, língua francesa, na Rua Coronel Suassuna nº. 14⁶². Há também anúncios de professoras de piano, como o que Julia R. Ramos veicula no Jornal do Commercio, no qual, além das aulas, oferece seu trabalho para alegrar as reuniões particulares⁶³.

⁵⁶ TANURI, Leonor Mari. História da Formação de Professores. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 2000. n. 14, p. 64- 67.

⁵⁷ Instrução Pública. *Revista de Instrução Pública de Pernambuco*. Recife, 15 de dez 1899. p. 1.

⁵⁸ Em 1877, doze alunos concluíram o curso na Escola Normal, dos quais sete são mulheres, a saber: Anna Amelia da Paz, Carolina Amelia da Paz, Florinina Joaquina de Mello Montenegro, Francelina Vieira de Araujo, Generosa Hisbella do Rego Medeiros, Maria Idalina de Albuquerque, Maria Joaquina do Sacramento, e Marianna Cavalcanti d'Albuquerque. Escola Normal. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 28 de nov. 1877. p. 3.

⁵⁹ Ensino Particular. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 9 de jan. 1877. p. 3.

⁶⁰ Escolas Normais. *Revista de Instrução Pública de Pernambuco*. Recife, 15 de julho de 1900. p.1.

⁶¹ Aos Pais de Família. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 7 de ago. 1877. p. 3.

⁶² Aula particular de primeiras letras para meninas. *Jornal da Tarde*. Recife, 21 de janeiro de 1876. p. 3.

⁶³ *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de jul. 1908. p. 3.

Professoras inspiram poetas, que em versos apresentam seu trabalho legalizado e assinalam seu poder de sedução:

“ Há pouco nomeada e no exercício,
Da infância desvalida, em benefício,
Já se acha, a quase um mês, a sedutora!
Reside no lugar que é dado aos sinos;
E leciona com gosto... aos meninos,
Na rua Quarenta e Nove! À professora!

As filhas de Vênus e os prazeres da noite

Ao ler os jornais da época, paira a sensação de que a vida da cidade é animada pelas chamadas, entre outros nomes, por filhas de Vênus e filhas de Jerusalém⁶⁴. São elas que ganham as ruas, praças e pátios, passeiam, param, conversam, insultam e pilheriam nos lugares onde podem encontrar seus clientes. Sobre as prostitutas, muitas são as queixas apresentadas à imprensa e, às vezes, aos que cuidam da ordem na cidade. Os jornais dão espaço para o registro do cotidiano das mulheres de vida alegre, suas aventuras e desventuras, em colunas presentes em diversos periódicos da época, sob títulos como: Notas Brejeiras e Estatística Mundana, nas quais há relatos, com ironia, um pouco de perversidade e, por vezes, com compaixão, sobre os amores, encantos e tormentos das prostitutas⁶⁵.

A constância em publicar notas sobre o comportamento, as paixões e as astúcias das mundanas, ocorre por haver público leitor atento aos movimentos, às mudanças, aos queixumes, às dores de cotovelo e mesmo à saúde de tais mulheres.⁶⁶ A frequência do assunto e a riqueza dos detalhes dos acontecimentos denotam a importância que as mesmas têm no fluir da vida da cidade. Entre as informações, uma de utilidade pública diz respeito à mudança de endereço e à abertura de novos recursos, como são conhecidos os prostíbulos no Recife no final do século XIX e início do século XX, veiculadas nas notas que orientam os passos dos fregueses na cidade⁶⁷.

⁶⁴ Encontrar as mulheres de vida alegre chamadas de Filhas de Jerusalém denota o preconceito com que eram tratadas as judias na cidade do Recife. O termo filha de Jerusalém pode ser entendido como uma referência àquelas mulheres perdidas por não participarem do sacramento da eucaristia e não comungarem com os princípios da Igreja Católica. As Prostitutas. Filhas de Jerusalém. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 30 de out. 1877. p. 3.

⁶⁵ Há todo um debate médico sobre a prostituição, como mostra ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores*. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1880). São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁶⁶ Correção. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 30 de out. 1877. p. 3.

⁶⁷ Rosa Italiana ex-moradora da Rua Bella está agora na Rua das Agoas Verdes (sic) servindo aos fregueses pelo antigo e moderno. Revelações de um papagaio. *O Besouro*. Recife, 21 de maio de 1904. p. 3; *O Coró*. Recife, 25 de abril 1913. p. 3.

Como assinala Margareth Rago, no contexto de São Paulo, a prostituição se constitui nas primeiras décadas do século XX em

“um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas [e de jornalistas] constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises⁶⁸ .

O Recife vive também essa imersão no mercado capitalista. Para cobrir a vida das “mundanas” com se diziam então, os jornalistas disponibilizam tempo e entusiasmo. Não há queixas no exercício de bisbilhotar a vida alheia para a escrita das matérias e eles apresentam muita disposição para correr os vários espaços da cidade na busca de informação, demonstrando interesse profissional e, por vezes, pessoal, no que se refere ao tipo e à qualidade de vida dessas mulheres.

Se por um lado, a imprensa se farta com o cotidiano da vida mundana, por outro, os repórteres sofrem toda sorte de ameaças, muitas das quais bastante justas, quando as meretrizes se deparam com notícias de escândalos dos quais participam, ou de qualquer outro aspecto de sua vida privada na imprensa. Para se defenderem, dizem que vão bater no repórter ou fazê-lo engolir a notícia⁶⁹. As ameaças são divulgadas pelos próprios repórteres, que não poupam adjetivos, chegando mesmo a rebatizar a injuriada.

“Amélia Necrotério, batizada Amélia ‘Rabo Inchado’, está contratando um cano de ferro nas oficinas de seu amante para quebrar a redação d’O Bem-te-vi”⁷⁰.

Nas colunas, os jornalistas, por vezes, denunciam os maus tratos aos quais as prostitutas são submetidas nos recursos⁷¹. No entanto, eles utilizam o espaço de redação com alertas para os defeitos das prostitutas e para as condições de higiene dos locais onde elas recebem os clientes. Tais denúncias frequentemente vêm acompanhadas de relatos minuciosos para dar veracidade ao texto, como revela a nota A Casa onde Conceição reside, a Rua Larga do Rosário, n. 2⁷²:

⁶⁸ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 22.

⁶⁹ *O Bem-te-vi*. Recife, 27 de jun. 1913, p.5. Notas Brejeiras, *O Bem-te-vi*. Recife, 11 de set. 1913. p. 6.

⁷⁰ Notas Brejeiras. *O Bem-te-vi*. Recife, 11 de set. 1913. p. 6.

⁷¹ Sobre a violência que marca a vida das prostitutas ver RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. Op cit.

⁷² Tratamento e higiene das mulheres. *O Besouro*. Recife, 5 de jun. 1908. p. 2.

De ar grotesco, fisionomia aborrecida, a inquilina de Nenen, no fundo da Matriz de Santo Antônio tem tudo de limpo no morredor, mas, em se falando de limpeza de cama e corpo, cousa (sic.) admirável. Ela não obedece.

Quando os jornais contam a história de vida das prostitutas, por meio delas pode-se notar que com pouca idade as meninas ingressam nesta vida, por volta dos doze anos, e que o custo dos serviços de uma meretriz era em torno de 1\$500 a 2\$000⁷³.

As mulheres são frequentemente detidas por embriaguês, desordens e ofensa à moral pública. Num breve levantamento do movimento da Casa de Detenção, no Jornal A Província, observa-se que o quantitativo de mulheres detidas diariamente varia entre 2% e 5% da população carcerária, sendo raras as prisões por roubo e raríssimos os aprisionamentos por homicídio praticados pelas mulheres da cidade⁷⁴. No início da República, a Lei n. 14 cria o cargo de questor municipal, autoridade que tem por função remeter ao Juiz de Direito as prostitutas, a fim de obrigá-las a assinar termo de bom viver⁷⁵.

No Recife, desta época, há um aluvião de casas de tolerância⁷⁶, montadas por raparigas que envelhecem, ou arrumam uns cobres, o que torna, segundo a imprensa, a profissão de cafetina e cafetão uma das mais rentáveis da época. Os trabalhos da profissão consistem em gerenciar o ‘recurso’ e agenciar, na cidade e no interior novas meretrizes. Existem também os agentes de rapariga⁷⁷. Mas como esse serviço tem seus custos, quase sempre as cafetinas os requisitam apenas quando se trata de trazer moças do interior, pois na cidade elas cuidam desse trabalho pessoalmente.

Segundo os jornais, tais agenciamentos são realizados a céu aberto, recolhendo moças que não têm o que vestir ou comer. As raparigas recém chegadas alugam um biombo, com cama de percevejo e colchão imundo, por 50\$000; comprometiam-se a pagar 2\$000 réis diários pela comida e se sujeitam a aceitar quem a dona do conventículo apresentasse⁷⁸. Como precisam de novas roupas, as moças são levadas até

⁷³ Maria Felismina do 40 da Rua Nova. *O Fallador*. Recife, 2 de ago. 1913. p. 5; Com críticas à prostituição das crianças há vários artigos entre os quais Guerra ao Cafetismo. *O Fallador*. Recife, 26 de ago. 1913. p. 4.

⁷⁴ Dos 463 presos, 14 são mulheres. Casa da Detenção. *A Província*. Recife, 19 de jul. 1890, p.2. Dos 590 presos, 29 são mulheres. Casa de Detenção. *A Província*. Recife, 12 de nov. 1890, p. 2; Do total de 544 presos, 19 são mulheres. Casa de Detenção. *A Província*. Recife, 8 de dez. 1890. p. 2.

⁷⁵ PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei n. 14 de 14 de nov. de 1891. SFR. SNT. S/p.

⁷⁶ Casa de Tolerância. *O Besouro*. Recife, 5 de jan. de 1908. p. 6. As casas mais conhecidas são as de: Totonia Abelha Mestra; Julia Peixe Boi; Izabel da Rua Larga; Quina da Rua do Carmo; Catita Italiana; Totonia Damnada mocinha Porrista; Nenen Mulata e Anninha do Tenente. As Casas de Conventículos. *O Papagaio*. Recife, 10 de nov. 1910. p. 8.

⁷⁷ Notas Mundanas. Gado Novo. *O Papagaio*. Recife, 18 de jun. 1910. p. 4.

⁷⁸ As Casas de Conventículos. Mulheres Exploradas. A vida das infelizes. Crimes e selvageria. Apello a polícia. *O Papagaio*. Recife, 10 de nov. 1910. p. 8.

as lojas para comprar fiado com a garantia da ‘abadessa’. Notícias dão conta da exploração financeira da Madama, que faz ‘as meninas’ pagarem tudo pelo duplo, sem regalia, deixando-as sem dinheiro e com dívidas infundáveis, às vezes até mesmo sem roupa, para garantir a dependência e confinar as moças do interior em seus ‘conventículos’⁷⁹.

A partir de 1908, com a reforma do porto e do bairro do Recife, que busca modernizar fisicamente a cidade, passa a circular ideias e discursos higienistas em torno do saneamento físico e moral dos habitantes, para atingir certo grau de civilização. Em consequência, há na cidade uma tenaz perseguição às cafetinas por parte da imprensa, que intenta descobrir e denunciar o endereço à polícia, com o objetivo de deportá-las. O comentário corrente é o de que entre os motivos que movem a caça às cafetinas destacam-se as denúncias de que as mesmas “facilitam as conquistas mais impossíveis em seus ‘recursos’, para os quais atraem as moças de família e senhoras respeitáveis de sociedade”⁸⁰.

As profissionais dos serviços domésticos

Na década de 1870, com o crescimento da camada média urbana, as tarefas de comprar, cozinhar, lavar e engomar, além de serem trabalhos muito requisitados pelas sinhás, passam a ser ofertados por lojas especializadas nesses serviços, dispondo para aluguel mulheres asseadas⁸¹. Aparecem nos jornais vários pedidos para contratar ama⁸² e alugar escravas para exercerem tais ofícios⁸³, e surgem também anúncios de locais onde esses afazeres domésticos são realizados. Entre tais locais, há residências como a

⁷⁹ *O Besouro*. Recife, 17 de mar. de 1908. p. 6.

⁸⁰ Pouca Vergonha. Casa de Susana. Na travessa do Beco do Cajú. *O Besouro*. Recife, 19 de mar. 1908. p.3; Escândalo. Uma mulher casada na casa das meretrizes. *O Coiô*. Recife, 25 de abr. 1913. p. 13. Sobre as mudanças em relação a sexualidade e sensualidade na cidade do Recife, ver , LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. *Os Caminhos do Olhar*. Circulação, Propaganda e Humor. Recife, 1880-1914. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós- Graduação em História. Tese de doutoramento em História. Recife, 2007.

⁸¹ Marcus Carvalho, ao analisar o trabalho doméstico no Recife, entre os anos de 1822-1850, ressalta a variedade de requisitos que se exigia dessas mulheres, escravas ou livres, dividindo-se em duas categorias: as de portas a dentro e as de portas afóra que implicavam em habilidades diferentes. Entre as tarefas das amas de portas afóra estava “fazer as compras da casa, buscar água, e até levar meninos e meninas às aulas”, o que não era simples, pois a rua não era percebida como um lugar seguro e muito menos decente. De portas adentro e de postas afóra: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850. *Afro-Ásia*, 29/03, 2003. p. 47, 48.

⁸² Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 4 de jul. 1877. p. 4. Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal Recife, 13 de ago. 1877. p. 4.

⁸³ Aluga-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 26 de jul.. 1877. p. 4; Aluga-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 14 de set. 1877. p. 4.

do Beco da Carvalha nº. 5⁸⁴ e estabelecimentos criados para esse fim, como o existente na Rua da Imperatriz nº. 24, 1º andar, que garante prontidão na entrega, asseio e modicidade⁸⁵.

No Brasil, durante séculos a fio, as mulheres das elites e das camadas mais abastadas economicamente não costumavam amamentar seus filhos. Era comum contratar mulheres livres ou mesmo alugar ou comprar escravas, que podiam ser pretas ou pardas e até brancas, para exercer esse ofício – o de aleitar e cuidar de criança nova. Os cuidados e a afeição pelos filhos passavam pela contratação de uma ama “parida de pouco”, “sem defeito”, “bons costumes” e com “abundante leite”, como costumavam anunciar os jornais de então⁸⁶. Nos anúncios dos jornais encontravam-se inúmeras solicitações de amas de leite⁸⁷.

Quem eram essas mulheres que podiam até engravidar para se alugar como amas-de-leite, como Leocádia intentava convencer o estudante Henrique no romance *O Cortiço*⁸⁸. Do ponto de vista social, estavam na condição de livres, forras ou escravas, civilmente podiam ser viúvas, casadas ou solteiras. Mulheres que inventavam a arte de ganhar o pão de cada dia com o leite do seu próprio corpo. Sabe-se cada vez mais sobre elas. Em geral, eram mulheres pobres, que se sujeitavam a ganhar tão pouco para um trabalho tão árduo, o que, aliás, não diferia do resto do Brasil⁸⁹.

Nesse mercado, em franca expansão, de criação de bebês lactantes ou em fase de crescimento, despontam novos serviços oferecendo mais conforto para as famílias e mulheres que assim o desejassem e pudessem arcar com outros custos, como sugere o anúncio de uma viúva que se dizia “honeste e de bons costumes”, residente na Rua do Calabouço Velho n. 21, ao anunciar que se encarregaria de “receber crianças, ou meninos de todas as idades para criar e educar com todo cuidado, pagando seus pais o trabalho e sustento das ditas crianças”⁹⁰.

⁸⁴ Lava-se e engoma-se. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 24 de nov. 1877. p. 4.

⁸⁵ Anuncios. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 24 de set 1877. p. 4.

⁸⁶ Ver a propósito NASCIMENTO, Alcileide Cabral. Maternidade, eugenia e higiene: o combate às amas-de-leite no Recife e a fabricação da mãe civilizada (1870-1880). In: *Anais do Encontro Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos*, Belo Horizonte- MG, 2008.

⁸⁷ Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 25 de set. 1877. p. 4. Ama. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 26 de set. 1877. p. 4.

⁸⁸ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Santa Catarina: Avenida Gráfica e Editora, 2005. p. 87.

⁸⁹ Sobre o perfil das amas no Brasil ver MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 246- 250 e VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Campinas: Papirus, 1999, p. 60- 70.

⁹⁰ *Diário de Pernambuco*. Recife, 4 de abril de 1875. p. 5.

No ambiente doméstico, espaço que oferece o maior número de emprego nos anúncios dos jornais, surgem com mais frequência casos de sedução ou atentado à honra e ao pudor, cometidos pelo patrão com as criadas e, por vezes, pela patroa com os criados. As/os empregadas/os, quando têm escolha, ora cedem, ora negam, ora negociam os serviços não contratados de acordo com seus interesses.

As lavadeiras que, como as demais criadas, estimulam a libido de quem as observa no ofício, levam os jornalistas de periódicos humorísticos, escondidos sob pseudônimos, a escreverem, sob seu ângulo de observação, acerca do exercício de lavar e ensaboar roupas.

Que Gosto⁹¹
“- Que modos de lavar roupas!
Que bonita posição!
Assim a lavadeira
É mesmo uma tentação”

A Intendência Municipal do Recife manda publicar posturas que regulamentam o trabalho dos/as criados/as⁹². Elas definem, no artigo 1º, que é criado/a de servir, pessoa livre que, mediante salário convencionado, tenha ocupação em hotel, hospedaria, casa de pastos, como costureiros/as, engomadeiros/as, copeiros/as, cocheiros, ama de leite ou ama seca; no art. 2º, proíbe o exercício dessas ocupações sem inscrição no livro de registro da Secretaria da Polícia; no art. 3º, assinala os dados que devem ser registrados, como nome, sexo, características e procedimentos dos criados nos empregos. No fim da inscrição, os criados recebem uma caderneta. No artigo 7º, os patrões ficam obrigados a só empregar quem estiver inscrito e com caderneta e anotar a data em que toma o criado para o serviço e o seu respectivo salário. Até que ponto essa regulamentação ganha concretude, ainda não se sabe.

Outras mulheres montam ateliês no Recife, modistas que se anunciam capazes de executar figurinos recebidos de Londres, Paris, Lisboa e Rio de Janeiro, como D. Leonor Porto⁹³. Madame Marie, modista de Paris, atenta à crise financeira da Província, concede abatimento considerável no preço do feitiço de vestidos de passeio, casamento e teatro, assim como nos enfeites dos chapéus⁹⁴.

⁹¹ Que Gosto. *O Papagaio*. Recife, 3 de maio 1911. p. 1.

⁹² A Intendência Municipal do Recife (...) manda publicar postura abaixo: 4 Secção. Palácio da Presidência de Pernambuco, em 19 de jul. 1887. *A Província*. Recife, 16 de Jul. 1890. p. 2.

⁹³ Modista. Leonor Porto. *O Luso Brasileiro*. Pernambuco, 18 de abril de 1890. p. 4.

⁹⁴ Madame Marie. Modista de Paris. Rua Nova n. 48. *A Província*. Órgão do Partido Liberal. Recife, 12 de out. 1877. p. 3.

Para as costureiras não faltam serviços particulares e nas lojas de venda de roupa pronta, especialmente para as que dominam o trabalho de coser à máquina⁹⁵. As costureiras, além dos vestidos do dia-a-dia, costuram vestidos de bailes, casamentos, com preços definidos segundo a fazenda e o modelo.

O fato de ter trabalho e sustento garantidos começa a levar as mulheres a repensar o casamento e mesmo a fugir dele, como registra, com uma ponta de despeito, uma quadrinha publicada em *O Coió*⁹⁶, que demonstra o desconforto masculino diante do crescimento e diversificação do trabalho das mulheres.

A Costureira

Costureira é gente feia
Mas se traga muito bem
Namora com todo mundo
Mas não casa com ninguém.
Mas não casa com ninguém.

Na primeira década do século XX, os homens, por meio da prosa e do verso, usam amplamente a ironia e, por vezes, a maledicência, para assinalar o mal-estar que provoca o trabalho remunerado feminino e, às vezes, a troca de papéis no interior das casas e nas relações com os filhos. O poema *Art-nouveante*, assim apresenta a situação:

*Art-nouveante*⁹⁷

Gritos e choros, sempre alaridos
De qualquer lado sempre aperreios
E o triste esposo, Sr. Feio,
Prega os botões que já lhe hão caídos.
O chapéu bota, bem decidida
A mulherzinha...para rua ganha
Ouvindo choros ela se assanha
E vai pra rua fazer a vida...

Os homens, por meio da imprensa, registram suas angústias em relação à preferência dada nas fábricas ao trabalho feminino. As mulheres estão ganhando empregos que antes eram deles. Como exemplo, pode-se observar os números de funcionários das quatrocentas oficinas das fábricas de cigarros Caxias e Lafayette, onde trabalham trezentas e cinquenta mulheres e apenas cinquenta homens. Em artigo sob o título *A Fome Avassala*, publicado no *Echo do Povo*, o redator assinala como vantagem

⁹⁵ Costureiras. *A Província*. Órgão do partido Liberal. Recife, 8 de janeiro 1877. p. 3.

⁹⁶ A Costureira. *O Coió*. Recife, 25 de abril 1913. p. 5.

⁹⁷ *Art-nouveante*. *O Papagaio*. Periódico ilustrado, Humorístico e Noticioso. Recife, 24 de set. 1910. p. 1.

para o empregador a escolha do trabalho feminino porque "a paga feita as mulheres é muito inferior a paga feita aos homens". Além disso, coloca em risco a saúde feminina, afirmando que "não se pode comparar o organismo de uma mulher com o de um homem e daí resultar o definhamento e a moléstia nas pobres mulheres". Por fim, alude à questão da honra feminina, apresentando como o mais grave problema decorrente da introdução da mulher no mercado de trabalho, pelo fato de serem as fábricas lugares de "verdadeiros ladrões da honra" que atiram grande número de vítimas na prostituição"⁹⁸.

Casadas, solteiras, pobres ou remediadas, as mulheres conquistam o espaço público, cultivam novos hábitos numa cidade que se moderniza e se encanta com o moderno. As novas relações de trabalho, a crescente autonomia feminina, o acesso a uma educação mais laica, as críticas à Igreja Católica parecem colocar em xeque a sociedade patriarcal ao questionar as relações entre os gêneros, o casamento e a pretensa superioridade masculina. O Recife, como outras cidades brasileiras, foi palco dessas tensões, dos embates, das conquistas de parte dessas mulheres, e conviveu com a intensa exploração do trabalho feminino e do corpo de muitas meninas e moças pobres, reafirmando, nas casas, nas fábricas, nas ruas e nos bordéis, o medo e o poder dos homens no que diz respeito à violência contra as mulheres.

Referências

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Alúcio. *O Cortiço*. Santa Catarina: Avenida Gráfica e Editora, 2005.

ARRAIS, Raimundo. *Recife, culturas e confrontos*. Natal: EDUFRN, 1998.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)*. São Paulo: EDUSP, 1999.

COUCEIRO, Silvia Costa. *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 20*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1880)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁹⁸ A fome avassala. *Echo do Povo*. Jornal de Livre Opinião. Recife, 10 de dez. 1910. p. 1; *União Operária*. Órgão do operariado em Pernambuco. Recife, 5 de nov. 1905. p. 3, há a informação de que nas fábricas as mulheres recebem 1/3 do valor do trabalho.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6ª. Ed. Recife: Câmara dos Deputados; Governo do Estado de Pernambuco: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1981. Tomo I.

GRILLO, M. Ângela de F. *Ave Libertas: o movimento abolicionista feminino de Pernambuco*. In: *Anais do I Seminário Internacional Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina*. Salvador, 2005.

HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.
LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda Moura. São Paulo: Ed. Ática, 1984.

LEVINE, Robert. Pernambuco e a Federação Brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1982. Vol.1, T.III. p. 123-151.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. *Os Caminhos do Olhar*. Circulação, Propaganda e Humor. Recife, 1880-1914. Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós- Graduação em História. Tese de doutoramento em História. Recife, 2007.

LOVE, Joseph L. A República brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937). In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Edit. SENAC São Paulo, 2000. p. 121-160.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. Maternidade, eugenia e higiene: o combate às amas-de-leite no Recife e a fabricação da mãe civilizada (1870-1880). In: *Anais do Encontro Enfoques Feministas e os Desafios Contemporâneos*, 2008, Belo Horizonte-MG.

NASCIMENTO, Luis do. *História da Imprensa de Pernambuco*. Periódicos do Recife, 1876-1900. Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1972, 1985. v. VI.

_____. *História da Imprensa em Pernambuco*. Periódicos 1901-1915.v. VII. Recife: UFPE. Ed. Universitária, 1985.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. A utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930). 2 ed..Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Os prazeres da noite*. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). 2 ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

_____.(Coord.). *Recife, 100 anos de escola pública municipal*; 1. Parte, 1894-1929. Recife, 2000. BPE/ PE, UFPE/ BC, UFPE/CE.

SETTE, Mario. *Terra Pernambucana*. 10. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante. NOVAIS, Fernando (Coord. Geral), SEVCENKO, Nicolau (Coord. do volume). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3.

SILVA, Leonardo Dantas. *A abolição em Pernambuco*. Recife: Ed. Massangana, 1988.

SIQUEIRA, Elizabeth et al. *Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)*. Recife: Ed. UFPE, 1995.

TANURI, Leonor Mari. História da Formação de Professores. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 2000. n. 14, p. 64- 67.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Campinas: Papirus, 1999, p. 60-70.